

## SUASSUNA – O AUTO DO REINO DO SOL

Lucas de La Rocha, cineasta

Ao longo de todo o 13º Palco Giratório me perguntei, enquanto cineasta, o que me fazia gostar de uma peça? Como trabalho muito, acabava por assistir a muitos espetáculos teatrais sonolento, mas esperançoso de ser atingido por uma obra que me despertasse a atenção. Ao sair do Theatro São Pedro nesse sábado (12 de maio), sinto que obtive a resposta após assistir a *Suassuna – O Auto do Reino do Sol*, do grupo carioca Cia Barca dos Corações Partidos.

A ideia de ver um musical, provavelmente o gênero que mais me encanta, me deixava ansioso! Ao descobrir então que se tratava de uma mistura potente da cultura nordestina com a estética clown, fui à loucura. Na plateia, conseguia reconhecer diversos colegas de profissão; na peça, conseguia perceber referências cinematográficas que vão dos longas *O Auto da Compadecida* e *O Palhaço* até - pasmem - *Game Of Thrones*.

Ao longo de toda a peça mantive um sorriso no rosto, entrei em verdadeira comunhão com aquele grupo circense que fazia questão que interagisse com o público ali presente. Palmas, coros e até diálogos são explorados em interações com os espectadores. E foi naquele momento que obtive a resposta para “o que me fazia gostar de uma peça teatral?”.

O cinema contempla a narrativa, mas o teatro contempla a experiência. A narrativa está ali, junto com você. Ela empresta o espaço de encenação para sua interferência. Se a magia do cinema está na fé da imagem, a do teatro está na comunicação do momento. Escrevo essa crítica ao som de *Ponteio*, pensando no que responderia se me perguntassem: “Como posso compreender teatro?”;

Bem...

Eu responderia:

“Vá assistir a *Suassuna!*”.